

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

TIAGO CARNEIRO DE ALMEIDA

**OS DOIS EM UM:
OS ELOS ENTRE AS PERSONAGENS FÉLIX E BENTO SANTIAGO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2015

TIAGO CARNEIRO DE ALMEIDA

**OS DOIS EM UM:
OS ELOS ENTRE AS PERSONAGENS FÉLIX E BENTO SANTIAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO
2015



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



Tecnológica há mais de 100

**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Tiago Carneiro de ALMEIDA**

Título: **Os dois em um: os elos das personagens Félix e Bento Santiago**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 25/11/2015
com NOTA 9,3 (nota) na comissão julgadora:

[Redacted Signature Box]

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco

[Redacted Signature Box]

Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Parceirista e Membro da Banca Examinadora

[Redacted Signature Box]

Prof.ª Ma. Egide Guareschi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

[Redacted Signature Box]

Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

[Redacted Signature Box]

Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A todos que se sentirem interessados por este trabalho.

Aos meus pais, e minha família que sempre me apoiaram, e em especial a Sarita pelo apoio incondicional em todos os momentos até aqui.

E aos meus amigos Solange, Christian, Maria Helena e Mayara.

De: Tiago Carneiro de Almeida

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida e por ter mostrado os caminhos necessários para chegar a este trabalho.

A minha mãe Adriane e ao meu pai Valmir, por terem me dado à vida e sempre me apoiarem incondicionalmente em toda a caminhada acadêmica.

À Sarita que com seu carinho, amor e sorriso fez que eu tivesse ainda mais força para concluir este trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima, pela orientação, e empenho desde o primeiro momento quando apresentei a ideia deste trabalho e também, por ser um grande exemplo a ser seguido futuramente como professor.

Aos amigos Solange e Christian, que durante toda a caminhada acadêmica estiveram nos bons e nos maus momentos, pelo companheirismo e a amizade que será levada para toda a vida. As amigas Maria Helena e Mayara pelo companheirismo e empenho nos trabalhos feitos em conjunto.

Aos professores presente na banca e a todos que me incentivaram para seguir em frente.

“A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas, capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo...”

Machado de Assis – *Dom Casmurro*

RESUMO

ALMEIDA, Tiago Carneiro de. **Os dois em um: os elos das personagens Félix e Bento Santiago**. 49p. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

Este trabalho propõe uma análise entre os romances *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, comparando, respectivamente, as personagens Félix e Bento Santiago, no intuito de buscar as semelhanças entre os dois. Para a elaboração deste trabalho, parte-se do pressuposto de que existe em Félix certa analogia com Bento Santiago, sendo este a representação de um melhoramento do primeiro. A partir dessa constatação, o objetivo vem a ser uma análise estrutural utilizando o método de pesquisa bibliográfica acerca dos romances e teorias escritas sobre o tema de ambas as personagens. A análise se justifica por buscar as semelhanças e provar uma possível teoria de que seriam a mesma personagem desenvolvida por Machado, utilizando como arcabouço teórico, sobretudo, as considerações de Helen Caldwell, John Gledson e Alfredo Bosi. Tais estudiosos da obra machadiana e mais alguns auxiliaram na compreensão das semelhanças e elos que fazendo assim as duas personagens parecerem uma só nos seus comportamentos psicológicos.

Palavras – Chave: *Ressurreição*. *Dom Casmurro*. Félix. Bento Santiago. comparação de personagens.

ABSTRACT

ALMEIDA, Tiago Carneiro de, **The two in to one: the links between the character Félix e Bento Santiago**. 49 p. Work of Course Conclusion - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

This research proposes an analysis between the Resurrection and Dom Casmurro novels, comparing, respectively, the characters Felix and Bento Santiago in order to seek the similarities between the two. For the preparation of this work, it assumes that there is a certain analogy with Felix in Bento Santiago, which is the representation of an improvement from the first. From this observation, the goal becomes a structural analysis using the method of literature about the novels and written theories on the subject of both characters. The analysis is justified by the similarities and try to seek a possible theory that would be the same character developed by Machado, using as a theoretical framework, especially the considerations of Helen Caldwell, John Gledson and Alfredo Bosi. Such students of Machado's work and some more useful to understand the similarities and links thus making the two characters seem one in their psychological behaviour.

Keywords: *Ressurreição. Dom Casmurro. Félix. Bento Santiago. Comparison of character.*

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 ELEMENTOS ESSENCIAIS EM MACHADO | 11 |
| 3 ALGUNS PONTOS DE ANÁLISE SOBRE AS PERSONAGENS | 22 |
| 4 OS ELOS ENTRE AS PERSONAGENS..... | 33 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| 6 REFERÊNCIAS..... | 49 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aqui elaborado analisa as questões envolvendo Félix protagonista de *Ressurreição*, primeiro romance de Machado de Assis, e Bento Santiago, personagem principal do romance *Dom Casmurro*. Será visto durante o trabalho uma análise da analogia existente entre as personagens, no qual são observadas grandes semelhanças comportamentais e psicológicas diante de situações que ocorrem em suas vidas a partir da relação mantida com suas amadas e todas as personagens que o cercam fazendo, assim, que Félix e Bento Santiago apresentem tanta proximidade, a ponto de tornarem-se uma representação única, a despeito de serem duas personagens, de romances distintos.

As personagens aqui são separadas cronologicamente. A primeira obra de Machado de Assis foi publicada em 1872; a segunda publicada em 1899. As datas das obras aparentemente indicam não haver nada em comum entre os dois textos, porém esse fato é uma das questões que intriga o leitor, visto que após sua leitura – sobretudo de *Ressurreição* – percebe-se que há muito mais semelhanças do que diferenças entre ambas as personagens.

Nesse sentido, esse trabalho pretende analisar a estrutura das personagens citadas, buscando por analogia aproximá-las e identificá-las nas questões comportamentais e psicológicas. Várias questões surgiram para a produção deste trabalho: (1) quais seriam as semelhanças presentes na estrutura das personagens? (2) O ciúme existente nas personagens na obra é real ou imaginário? (3) Félix e Bento Santiago representariam duas personagens distintas, ou apenas a continuação da primeira personagem na outra? Tais dúvidas fizeram que surgisse esse trabalho, cuja finalidade é buscar dar resposta a tais indagações.

Interessantemente, Machado de Assis publicou o seu primeiro, quando já tinha idade madura. Isso é bastante relevante. É visível que seus personagens são inspirados em observações do cotidiano, e tal fato contribuiu na sua construção, pois o escritor já era um homem formado na esfera das ideias e também da vivência cotidiana.

Para a realização deste trabalho serão utilizadas as teorias da literatura comparada. Comparar as obras é colocar as relações entre indivíduo e sociedade, como acontece com Félix e Bento, em questões inerentes à literatura. Questões

essa que vão para além da ciência e da arte. O enredo das duas narrativas mostra culturas e costumes da época. Essas narrativas machadianas com mais de um século vêm nos trazer de forma pura e realista as complicações resultantes da dúvida instaurada no espírito de ambas as personagens, que vivem e tornam suas vidas infelizes e enclausuradas devido à complexidade psicológica do ciúme que nutrem pelas mulheres que amam.

Em outro ponto dessa análise, chegamos à questão que resultou no trabalho aqui escrito. Quando terminamos de ler *Ressurreição*, deparamo-nos com a definição de como vivia Félix depois de dez anos: “Dispondo de todos os meios que o podia fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz” (ASSIS, 1995, p.104). Com essa definição lembramos a explicação de Bento Santiago sobre seu apelido “Dom Casmurro”, motivado pelo fato de ser um “homem calado e metido consigo” (ASSIS, 2006, p.12). A partir dessas constatações, houve a primeira luz para responder às perguntas que surgiram nesse trabalho.

Em síntese, no decorrer deste estudo, iremos analisar de modo mais abrangente possível essas personagens que pertencem a romances distintos, todavia apresentam semelhanças que tornam a segunda obra uma espécie de continuação elaborada da primeira.

Para efetuar essa discussão, esse trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro aborda os elementos essenciais de Machado, encontrados nas obras aqui analisadas, nas quais, sem dúvida, estão evidenciadas toda a perspicácia do Bruxo do Cosme Velho em elaborar personagens ambíguas e psicologia altamente complexa, bem como enredos não menos complexos.

No segundo capítulo a discussão feita detém-se sobre alguns pontos de análise possíveis entre as personagens, a partir da qual são dispostos frente a frente comportamentos e ideias que os protagonistas dos romances transferem ao leitor, uma vez que, para o estudo aqui proposto, revelam a grande fonte de pesquisa, tendo em vista que a análise é baseada no texto e, com isso, todas as abordagens são feitas por intermédio daquilo que é dito e suas simbologias.

No terceiro e último capítulo deste trabalho, são estabelecidos os elos entre as personagens, com os quais são apresentadas as semelhanças entre elas, suas características principais. Tais constatações respondem à primeira pergunta feita no início da pesquisa, isto é, se existem analogias entre Félix e Bento. Para a verificação dessa similaridade entre ambas as personagens, os principais momentos

das narrativas são colocados em análise, resultando, pois, numa possível resposta às indagações desse trabalho, bem como oferecer elementos de respaldo à hipótese inicial.

2. ELEMENTOS ESSENCIAIS EM MACHADO

Machado de Assis foi sem dúvida um dos mais expressivos nomes da literatura do século XIX. Os aspectos encontrados em suas obras são de imensa grandeza e complexidade. Nesse trabalho, aqui proposto, serão analisadas como já citado as personagens Félix e Bento Santiago, respectivamente dos romances *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, com o objetivo de mostrar na estrutura de ambas as obras semelhanças e elementos de ligação que entre si estabelecem:

Quando olhamos para sua ficção – seus nove romances e mais de duzentos contos de sua obra reunida -, encontramos um Machado que viajou todas as distâncias, épocas anteriores, nas profundezas da alma humana. À medida que ele narra seus contos, conhecemos a emergência firme e consistente de um intelecto de uma concepção da obra literária e do papel da artística no progresso humano. Seus ensaios críticos e suas colunas jornalísticas servem como notas de rodapé e marginalia a sua obra ficcional (CALDWELL, 2002, p.218-219).

Ao pensarmos na obra de Machado de Assis, esse trabalho busca uma comparação entre duas personagens. Em ambas temos uma gama enorme de pontos com os quais Machado constrói personagens, cujo perfil psicológico demonstra ser altamente complexo e riquíssimo de detalhes. É possível afirmarmos que Félix e Bento Santiago mostram ao público leitor o lado observador e empirista desse grande escritor brasileiro. Da mesma maneira, suas amadas Lívia e Capitu, retratam um pouco das mulheres da época, sobretudo aquelas que pertenciam às camadas socioeconômicas mais privilegiadas e que formavam o público alvo dos romances do século XIX. Em *Impostura e Realismo*, analisando os estudos de Roberto Schwarz sobre a produção machadiana, John Gledson comenta que “Schwarz demonstra, pois, com êxito, que o elo entre a ficção de Machado e a sociedade em que viveu não é secundário e sim absolutamente fundamental”(1991, P.11).

Machado de Assis começou a escrever sua produção romanesca quando já contava idade madura. Esse fato é de importância, pois podemos inferir que ele passou boa parte do tempo anterior observando a sociedade à sua volta. Conseqüentemente, sua obra acaba por se caracterizar e trazer detalhes da vida

cotidiana da época, além de personagens cuja verossimilhança poucos autores conseguem dar a suas criações. Consequentemente a essa observação do cotidiano, Machado trabalha com muita habilidade o comportamento humano em suas obras, para isso Alfredo Bosi verifica que:

O objetivo principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homem e mulheres durante o segundo Império (2003, p.11).

A propósito, ao observar elementos ligados à verossimilhança das personagens analisadas nesse trabalho, podemos mencionar Félix, retratado muito bem como aquele típico solteiro do século XIX. Encarnando o tipo inconstante, que vê o amor como um sentimento que não dura mais que seis meses, Félix, porém, depara-se com uma paixão inesperada causada por uma bela jovem viúva e rica. Esta, além de atraí-lo fisicamente, atrai-o de maneira a instigar, nos meandros de sua psicologia, a compreensão de que a viúva realmente representa a ele. Constatase enfim, que ele acaba não sabendo lidar com a situação e vive suas angústias e medos que passam a obsedá-lo.

Nesse romance, Machado demonstra que Félix apresenta-se como uma personagem cujo comportamento é o de uma pessoa que detém todos os sentimentos em um subconsciente que não se mostra no cotidiano, mas em face de uma situação que jamais imaginaria vivenciar, ele tem dificuldades de enfrentá-la. Helen Caldwell resume a história de Félix da seguinte maneira:

O enredo pode ser resumido como segue: Félix, um homem citadino abastado e de educação, dado a jogos casuais com senhoritas do alto submundo, embora culto e cortês, de discurso refinado e natural e modos despreziosos, sente-se atraído pela beleza cálida e voluptuosa da jovem e rica viúva Lívia. Apesar de Lívia encorajar uma aproximação, ele a evita até o dia em que, ao ajudá-la a subir em uma carruagem, imagina que ela apertou significativamente sua mão. Nós sabemos que ele imaginou tal coisa porque Machado no-lo diz. Félix fica com a ideia errônea de que ela está disposta a ter um caso com ele. Começa a cortejá-la, porém somente por passa tempo e sem sérias intenções (2002, p.44).

Por conseguinte, o moço perde totalmente o rumo, tornando-se uma pessoa definitivamente infeliz, de acordo com a descrição final do próprio narrador: “Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz” (ASSIS, 1995, p. 104).

Dando início a alguns paralelos que pretendemos fazer nesse trabalho entre as duas obras aludidas acima, da mesma forma que sucede com Félix, em *Dom Casmurro*, Bento Santiago se vê em uma situação que jamais imaginara com a mulher pela qual estava apaixonado, ou seja, uma suposta traição faz o narrador dessa trama também agir de maneira a perder os rumos de sua vida, transformando-se um sujeito enclausurado e infeliz.

Sem dúvida, mesmo depois de tantas leituras e interpretações ao longo do tempo, Machado consegue, sim, instigar cada vez mais seu leitor. Os leitores percebem que a trama em que vivem suas personagens é, de fato, algo que prende e se torna um emaranhado, cuja sedução é descobrir como desembaraçá-lo. Os leitores indagam-se após a leitura do romance machadiano como seria se as personagens agissem de maneira diferente, ou como um autor consegue criar isso em sua mente e passar para o papel de maneira a deixar todos que o leem atentos a detalhes dispostos em sua narrativa.

Se for pensar em alguma finalidade da literatura, podemos pensar que ela vem para complementar à vida do ser humano. Machado de Assis traz no conjunto de sua obra vários aspectos psicológicos, e suas personagens são postas em situações de vida assinadas por vários acontecimentos vividos principalmente no âmbito conjugal, como no caso de Félix e Bento Santiago, implicando em suas escolhas. Nesse sentido, a obra literária machadiana mesmo depois de mais de um século, continua sendo lida, relida e analisada de várias maneiras. Portanto, ao estudarmos essas duas personagens, vemos a grandiosidade e a perspicácia do escritor ao conduzi-las por um viés que as leva a culminarem em personagens que se encaixariam em vidas melancólicas e enclausuradas por, quiçá, equivocadas escolhas feitas no âmbito da esfera relacional ou conjugal.

Quando pensamos na obra de Machado, vem-nos primeiramente ao pensamento algo relacionado à grande cultura e um caráter de valor. As pessoas que gostam da arte e apreciam um bom livro, com certeza, se deleitam com as obras desse famoso escritor. Partindo desse raciocínio, é que nesse trabalho colocamos em análise duas obras que refletem a estrutura que o escritor empregou na investigação de suas personagens, tornadas fonte inesgotável de pesquisa e reflexão.

Nessa pesquisa, partimos da formulação expressa pela seguinte questão: Félix e Bento são semelhantes? A fim de embasarmos uma possível resposta,

valemo-nos de uma reflexão de Helen Caldwell, que assinala o seguinte: “Semelhanças superficiais entre este romance [*Ressurreição*] e *Dom Casmurro* não deixam de espantar o leitor. Mas os personagens deste primeiro romance de Machado, apesar de um pouco rígidos ou talvez exatamente por isso – são bem delineados” (2002, p. 48). De posse dessa reflexão inicial, pretendemos observar se há dados que confirmem a semelhança existente entre Félix e Bento, com o fito de evidenciar um meio de analogia das duas narrativas.

Outra questão que virá à tona é o ciúme que existe em ambas as personagens. Esse é de fato o principal elemento de ligação entre Félix e Bento, pois o que define suas vidas realmente está relacionado à suas amadas. Ademais, o modo como a existência de um e de outro está diretamente ligado ao sentimento de ciúme que nutrem por Lúvia e Capitu é delimitado por hipóteses de ações criadas em seu imaginário. Isso se deve ao fato de Félix perceber uma atração por Lúvia, percebido pelo moço por conta de um suposto aperto de mão mais forte. Já em *Dom Casmurro*, a história é contada pela própria personagem Bento Santiago, em idade mais madura, ou seja, a narrativa é feita a partir de sua imaginação e lembranças. Nos dois textos, as duas figuras femininas possuem forte perfil psicológico, fazendo Félix e Bento viverem sob o fantasma da dúvida quanto a um dubio caráter que elas possuiriam.

Por conseguinte, como leitores críticos, temos a “Complexa concatenação de causas, sociais, psicológicas, no romance, que somos forçados a compreender antes de julgar e ver o que exatamente produz o ciúme de Bento” (GLEDSON, 2006, p. 293). Essas mesmas hipóteses aventadas por Gledson em relação ao narrador de *Dom Casmurro* podem ser empregadas também em relação a Félix, embora tenhamos que buscar compreender os motivos que o levaram a desistir do matrimônio na véspera da cerimônia.

Nesse ponto, observa Antonio Dimas: “Dizer que *Ressurreição* é romance menor de Machado é não perceber a vigorosa vocação do romancista para o desenho de personagens ambíguos e escorregadios, que tudo ignoram sobre si mesmos e não sabem nem mesmo do que são capazes e incapazes” (DIMAS *in* ASSIS, 1995, p. 5). Nesse comentário de Dimas, percebemos que tanto ele quanto outros críticos já se dispuseram a analisar e comparar as primeiras obras de Machado que, no âmbito da historiografia literária tradicional, estariam vinculadas ao Romantismo, se bem que já possam ser consideradas da vertente realista.

Outro aspecto se impõe na análise da obra machadiana. Nela, o escritor consegue ser singular em relação a outros escritores, e é esse fato de ele não se encaixar perfeitamente apenas em um estilo literário, tornando-o mais importante e mais lido do que os demais. Em um comentário de John Gledson a respeito de *Dom Casmurro*, entendemos de fato a questão do realismo machadiano:

E é isto que quero dizer quando afirmo que *Dom Casmurro* está menos distante dos postulados do realismo do que se pensa: se entendemos por realismo a intenção do romancista de revelar, através da ficção, a verdadeira natureza da sociedade que está retratando, *Dom Casmurro* é romance realista, não apenas em termos genéricos, mas em seus detalhes, tanto na forma como no conteúdo. Revela a verdade (do romancista) em mais de um nível, creio, e isso é o que o torna um momento tão privilegiado e fascinante da ficção de Machado (1991, p. 13).

Dentro desse aspecto de particularidade, *Ressurreição*, primeiro romance do escritor, ainda que tradicionalmente considerado da primeira fase do escritor, traz na sua estruturação tanto o estilo crítico e a sensibilidade realistas na construção de personagens complexas, quanto qualidades comportamentais e psicológicas.

Afirmar, pois, que Machado é romântico ou realista ou mais ainda predecessor do Modernismo, representa rebaixar a grandeza de sua obra. Afinal, desde seus poemas, Machado foi incorporando estilos literários diversos. Com o passar das décadas e o ganho de experiência e cultura como crítico literário que foi o escritor mostrou que poderia sempre aprimorar e melhorar sua produção literária.

Podemos salientar que Machado como um bom observador e crítico se autoanalisava para aprimorar seu próprio trabalho. Isso se depreende da “Advertência da primeira edição de *Ressurreição*:

Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elemento busquei o interesse do livro. A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobre tudo se o operário tem jeito para ela (ASSIS, 1995, p. 16).

Nessas palavras de Machado dirigidas ao seu público, está expressa a ideia do que tentou fazer. Além disso, mostra que se interessa pela opinião da crítica literária que iria dizer ou não se o estreador em romance teria jeito para tal gênero. Por intermédio desse comentário, constatamos que o escritor se preocupava e levava em consideração o que iria ser dito sobre sua obra.

Devemos atentar para a ideia de que Machado sempre teve horizontes mais amplos para seu projeto literário. Tal fato se observa desde seu prefácio a *Ressurreição*, evidenciando que ele nunca quis fazer romances de costumes. Na epígrafe constante no prefácio desse romance, Machado mais uma vez mostra certa visão futurista e a conceituação de como concebe o plano de escrita do livro:

Minha idéia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare:
Our doubts are traitors,
And make us lose the good we oft might win,
By fearing to attempt.(ASSIS, 1995,p.16.)¹

Ao olharmos para esta epígrafe, damos-nos conta de que, em suas obras, Machado não teve medo de tentar e experimentar. Isso permite determo-nos numa lista de pontos e questões que buscaremos analisar nesse trabalho. Sobretudo empreender a compreensão de Félix e Bento Santiago, uma vez que o último representa, na relação existente entre os dois romances, o aprimoramento do primeiro, sob a perspectiva de elaboração literária de Machado.

Como dito anteriormente, às duas personagens masculinas estão ligadas as personagens Lívia e Capitu. Ainda que tenhamos necessidade de ocuparmo-nos delas, sabemos que a análise delas configura-se como outra pesquisa. Importantes ambas, todavia, visto que são representações das mulheres da sociedade da época ou, sob uma perspectiva histórica, uma maneira de apreendermos como as mulheres de classes sociais mais abastadas viviam.

No que concerne ao primeiro romance, devemos ter em mente que Lívia consegue despertar em Félix outros sentimentos pelo fato de ser uma mulher que o leva a gastar seu tempo pensando em suas atitudes, atitudes essas que Félix não havia percebido em outra mulher. No romance de 1899, Capitu é sem dúvida a mulher mais misteriosa e instigante da literatura brasileira. Famosa pelos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, a moça leva, mais tarde, Bento Santiago a criar uma falsa percepção de que ela a trai. De modo sumário, instaura-se a dúvida, e esse é o móvel da narrativa.

Cumpramos ressaltar que um dos elos entre Félix e Bento Santiago está relacionado ao fantasma da dúvida que assinala as relações amorosas dos dois,

¹Nossas dúvidas são traidoras,
E nos fazem perder o bem que podemos conquistar,
Por medo de tentar. (Tradução livre)

respectivamente em relação à Livia e à Capitu. É o que sucede com Félix, que desiste de seu matrimônio ao receber uma carta de seu principal desafeto. De modo análogo, em *Dom Casmurro*, Bento Santiago acredita que a esposa o havia traído com Escobar, seu melhor amigo.

Constata-se, portanto, que ambas as tramas machadianas operam com a questão da dúvida. Em *Ressurreição*, o narrador expõe tudo através da percepção de Félix; no caso de *Dom Casmurro*, o papel de narrador cabe ao próprio Bento Santiago, e este se põe a relatar sua história quando lhe chega à velhice. Em ambos os romances, os narradores deixam a entender que realmente houve traição por parte das personagens femininas.

Retratar a alma humana é sem dúvida uma situação de extrema complexidade, porém Machado de Assis consegue destrinchar, de maneira magnífica, aspectos humanos como o egoísmo, vaidade, indecisão. Isso está muito bem evidenciado em suas personagens. Ao trazer à luz da análise as personagens dos dois romances aqui estudados, conseguimos mostrar esses sentimentos exclusivos do ser humano.

Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX. Essa hipótese vem sendo defendida, a meu ver de forma bastante convincente, por críticos literários como Roberto Schwarz e John Gledson, e tem se revelado importante para desvendar e potencializar significados nos textos machadianos (CHALHOUB, 2003, p. 8).

Outro ponto a ser observado nas obras aqui analisadas e em toda a obra literária de Machado de Assis é que seu pensamento e sua destreza com as palavras demonstram a riqueza de sua arte de compor dramas humanos. E é a escolha de narradores adequados que singulariza um romance do outro. Em *Ressurreição*, o narrador em terceira pessoa tudo vê, tudo sabe e opina sobre os fatos:

Não direi que fosse bonito, na significação mais ampla da palavra; mas tinha as feições corretas, a presença simpática, e reunia à graça natural a apurada elegância com que vestia. A cor do rosto era um tanto pálida, a pele lisa e fina. A fisionomia era plácida e indiferente, mal alumiada por um olhar de ordinário frio, e não poucas vezes morto (ASSIS, 1995, p. 18).

Não menos intrigante, o narrador de *Dom Casmurro* nada mais é que o próprio Bento Santiago entregue às lembranças do passado e contando a todos a sua percepção sobre os fatos ocorridos em sua vida:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim (ASSIS, 2006, p.12).

Indubitavelmente, encontramos na obra machadiana sempre o senso crítico das suas personagens ou narradores. Percebemos, demais, que o narrador de *Ressurreição* e o narrador-personagem de *Dom Casmurro* se entrelaçam em suas palavras bem escritas e sempre postas de modo habilidoso, deixando assim bem claro que Machado sempre esteve presente de forma ferrenha com seu senso crítico nas obras que escreveu.

Ambos os narradores deixam acessível que o enredo das obras tende a expressar a opinião de Félix e de Bento. O narrador de *Ressurreição* dispõe a narrativa de modo a destacar a maneira de compreender a obra. Em *Dom Casmurro*, temos uma total dependência da opinião do narrador-personagem que conta a história durante a sua velhice rememorando acontecimentos e colocando as decisões e certezas segundo sua ótica.

Como Helen Caldwell salienta "Machado de Assis tece a narrativa de *Dom Casmurro* a partir de uma invenção de sua imaginação" (2002, p.20). Essa imaginação é que dá o incremento para que várias leituras e várias opiniões sejam engendradas na mente do leitor e do crítico.

Os vários aspectos que encontramos na obra machadiana são de imensa riqueza e não menos complexidade. Entender e buscar em uma obra que a cada dia se torna mais atual é sem dúvida um trabalho árduo. A arte literária tem em Machado de Assis uma essência da qual o leitor participa antes, durante e depois, formulando impressões acerca de tudo que acontece. Como já frisamos ao longo desse capítulo, Machado sempre direcionou sua intenção de efetuar uma narrativa

altamente articulada, tencionando apreender, sob uma perspectiva realista, o cotidiano do século XIX.

Quando mencionamos a estética realista, estamos pondo em foco a forma que se buscou, no século XIX, humanizar a arte como um todo. Ao abordar eventos cotidianos em *Ressurreição*, tentando reproduzir fielmente todas as complexidades humanas na sua mais pura essência, Machado evidenciou questões nacionais, conforme se observou na crítica de então. Alguns críticos da época concluíram que em seu primeiro romance Machado “deixou incompletos os quadros das grandes tempestades do coração [...] sob vistas constantes de uma ortodoxia geométrica e fria” (PIRES; OLIVEIRA, 2010, p. 222).

Machado de Assis planejou seu projeto literário desde as suas primeiras escritas. No ponto destacado no parágrafo acima, devemos lembrar que o escritor leu grandes clássicos dos quais sofreu forte influência. A leitura dos ingleses, franceses, portugueses também está evidente na sua obra. Por vezes, alguns leitores e gente da crítica põem-se a julgar Machado como um autor pouco brasileiro devido ao fato de muitas vezes suas personagens deterem traços da emigração europeia. É o que podemos depreender do protagonista de *Ressurreição*. Fica a impressão de que ele tem uma fisionomia pouco brasileira, pois como o narrador intruso define: “cor do rosto era um tanto pálida, a pele lisa e fina. A fisionomia era plácida e indiferente, mal alumiada por um olhar de ordinário frio, e não poucas vezes morto” (ASSIS, 1995, p.12). Porém não podemos deixar de observar que Machado concebeu essa personagem baseada em uma vida da classe burguesa da época. Nos membros da elite dessa época, os costumes seguiam o padrão europeu, em conformidade com a grande influência da Família Real que chegara ao Brasil em 1808.

Se estivermos de acordo com um Machado que não se expressa com a “cor local”, porém faz de sua literatura expressão universal, buscando a realidade diante de si e do que vivia e, temos com isso, uma representação do local onde Machado convivia em sua época para o mundo inteiro é inconcebível tentar circunscrever *Ressurreição* ou *Dom Casmurro* à vertente romântica e realista. De um lado, *Ressurreição* não deve ser apenas lembrado como o primeiro romance do autor, mas sim como o início de uma grande obra literária de um dos maiores autores da língua portuguesa. De outro, *Dom Casmurro* é a elaboração consciente daquilo que prenunciava nessa primeira narrativa de grande fôlego do bruxo do Cosme Velho.

Definir os aspectos encontrados na obra de Machado de Assis é algo de complexidade e que exige perceber aspectos que estão fora do texto. O escritor em sua obra foi precursor que superou seus antecedentes, nos quais ele próprio buscou seu aperfeiçoamento e aprendizado.

Sua obra deixa de ser meramente ficcional. Suas histórias buscam os fatos contados pela ótica de seus narradores nos acontecimentos vividos, o texto em si com percepções e detalhes que enriquecem e tornam a arte literária conduzida por Machado grandiosa:

A veneração a Machado de Assis seguiu por anos a fio. No centenário de seu nascimento, em 1939, dezessete livros e mais de quinhentos artigos, de trezentos e cinquenta escritores, foram publicados sobre ele no Brasil. Livros e artigos continuam a ser publicados como água, com adesão constante de novos escritores (CALDWELL, 2002, p. 220).

Acrescentamos aqui que certamente esse procedimento de apreensão da obra machadiana continuará por anos a fio, pois o escritor continuará sempre sendo lido e relido, e sua obra continuará sendo cada vez mais atual, pois tratará sempre de assuntos nos quais os sentimentos humanos estarão permanentemente enfatizados.

Além de todos esses aspectos aqui citado, Machado foi cidadão em sua total existência. Crítico ferrenho de políticas avessas às necessidades populares, nos jornais e revistas nos quais trabalhou sempre buscou com seu tom irônico, porém firme e claro em suas ideias, defendê-las. Caldwell comenta:

Assim foi Machado de Assis, um escritor de reputação, laborioso jornalista e funcionário público exemplar – não faltou um dia sequer ao trabalho, nunca se distanciou mais do que uns poucos quilômetros do seu Rio de Janeiro (CALDWELL, 2002, p. 208).

Com isso, Machado marcou seu período literário com seu jeito singular que faz hoje ser lido e relido, Pires e Oliveira em seu artigo comentam que Antonio Candido afirmava que:

Machado de Assis foi, desde cedo, admirado e apoiado por seus contemporâneos: “[...] aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele (CANDIDO *apud* PIRES; OLIVEIRA, 2004, p. 16)”.

Contudo, Machado deixou nas entrelinhas vários aspectos que podemos comparar e analisar por várias óticas. Além disso, é assaz perceptível em sua obra uma descrição de como era o cotidiano do século XIX e também como viviam as classes sociais demonstradas não apenas nas duas obras aqui citada, mas em toda a obra literária do escritor.

3. ALGUNS PONTOS DE ANÁLISE SOBRE AS PERSONAGENS

Como Bosi verifica: “Não há romance de Machado que não colha algum aspecto ostensivo ou alguma dobra mal escondida desse tecido de fios existenciais cuja regra geral é a disparidade” (2003, p.153). Isso se dá com personagens aqui analisadas. Em *Ressurreição*, Félix se apresenta como um homem solteiro e vivendo à custa de uma herança que recebera. Sendo assim, não precisava mais do trabalho, dedicava-se aos eventos casuais da sociedade. No que tange a *Dom Casmurro*, Bento Santiago apresenta-se narrando sua própria história buscando “atar as duas pontas da vida” que, devido ao tédio do seu cotidiano, dispusera a escrever.

Sob um olhar superficial, parece não haver nenhuma relação entre essas duas personagens, porém em uma leitura aprofundada encontramos vários elos que as atam. Foi tal constatação que levou vários teóricos da literatura a se dedicarem a encontrar alguns desses fios que identificam uma personagem à outra. Tais críticos puseram-se a debater sobre esses aspectos, com o intuito de procurar entender o que representa essa relação entre Félix e Bento Santiago na obra do bruxo do Cosme velho.

Os aspectos analisados vão desde a estrutura empregada nas obras e conseqüentemente o enredo no qual as personagens são inseridas, os aspectos psicológicos que representam um dos fatores principais que ligam diretamente as personagens de maneira a se tornarem semelhantes em ideias e comportamentos, até a história contada em si, cujas cenas e acontecimentos também se assemelham, tornando a análise uma descoberta de pontos que, sem uma investigação acurada, talvez ficassem ocultos entre as linhas escritas por Machado.

Uma pesquisadora importante – componente do grupo dos principais estudiosos da obra machadiana – que analisou alguns dos aspectos que serão comparadas aqui neste trabalho é a crítica literária norte-americana Helen Caldwell, autora do ensaio *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*, no qual buscou uma comparação entre *Dom Casmurro* e outras obras como o clássico de Shakespeare *Otelo*.

Logo no primeiro capítulo, Caldwell constata que entre o primeiro romance do escritor, *Ressurreição*, e sua obra-prima *Dom Casmurro*, os leitores irão encontrar “[...] Em ambos os livros, [...] a luta entre o amor e o ciúme pela possessão do coração de um homem, sendo o amor tardia, mas totalmente derrotado”(2002,p.17-18).

Dessa observação de Caldwell, temos o primeiro sopro de ideia por meio do qual podemos entender por que as personagens aqui analisadas são de fato criadas em um mesmo molde pelo autor. Dando continuidade a essa ideia, alguns outros teóricos como Antônio Dimas, Alfredo Bosi, John Gledson, também se dispuseram a analisar a obra desse grande escritor brasileiro. Sem dúvida, com esses nomes elencados, temos consciência de que um dos maiores nomes da literatura mundial vem sendo estudado todos os dias e de várias maneiras pelo mundo afora.

A partir das considerações desses estudiosos da obra machadiana, este trabalho busca efetuar uma comparação entre personagens de obras diferentes e principalmente escritas em épocas diferentes. Comparar um romance inicial dentro de uma coleção de grandes obras com um romance final de Machado de Assis prova a genialidade e perspicácia desse grande escritor brasileiro, que aparentemente se repete, todavia, na realidade, renova sua escritura com a magistral observação da sociedade de seu tempo.

Em seu trabalho de escritor, Machado deixou vários pontos para entender a época, além de fornecer um fino retrato das pessoas – convertidas em personagens de suas narrativas – que viviam no século XIX. Isso permite ao leitor e ao estudioso atual uma grande fonte de pesquisa. Nesse sentido, quando nos deparamos com *Dom Casmurro*, percebemos que o Bento narrador buscou nas memórias da sua personagem unir as extremidades da vida. Isso nos remete a uma ideia expressa por Luís Felipe Ribeiro, em *Mulheres de papel* (1996). Nesse estudo da obra de Alencar e Machado, o autor percebe que estudar a obra machadiana separadamente não é suficiente para apreender os diversos elementos que há nela. Para Ribeiro “a obra de Machado é marcada por uma unidade inseparável” (1996, p.13).

Isso permite raciocinar que o motivo que impulsiona esse trabalho é comparar as duas personagens, isto é, Félix e Bento Santiago, com a finalidade de buscar determinada essência da obra de Machado. Essa essência ocorre devido ao fato de termos alguns pontos encontrados numa determinada narrativa que também são

visíveis em demais obras de Machado. Um desses pontos que podemos elencar é o narrador-personagem, esse que aparece aqui como Bento Santiago, também aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Esses narradores-personagens contam fatos de suas memórias com algumas diferenças. Brás Cubas conta sua existência após a sua morte; Bento, quanto está na velhice. Além disso, nessa pesquisa, a preocupação visa a compreender alguns aspectos que mostram como se constrói dois enredos que se aproximam sob vários aspectos.

Como dito anteriormente, nesse trabalho utilizamos o estudo de Bosi, no qual afirma que “Não há romance de Machado que não colha algum aspecto ostensivo ou alguma dobra mal escondida desse tecido de fios existenciais cuja regra geral é a disparidade” (2003 p.153). No que se relaciona a Félix, esta personagem é, sem dúvida, uma representação de um homem sem ambições, que abandona o trabalho após receber uma herança e que gasta seu tempo com namoros breves e participação nas rodas sociais da alta sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. Porém, ao se deparar com uma paixão, que a princípio ele não entendera, Félix vê-se totalmente afoito e sem saber o que fazer. Por analogia, existem pontos de contato com Bento Santiago não muito difíceis de serem detectados.

Bentinho, como carinhosamente é chamado na infância, torna-se o idoso Dom Casmurro, um homem calado, cínico e de poucos amigos, No caso de Félix, este será definido no desfecho da narrativa como um homem infeliz. Ao atar certas semelhanças entre um e outro, começaremos a perceber a questão do ciúme dominando e direcionando a vida das duas personagens.

Quando pensamos em algumas obras de Machado de Assis, frequentemente o enredo do ciúme é sua principal matéria narrativa. Essa é justamente a temática encontrada em *Ressurreição* e *Dom Casmurro*. Ambos os romances apresentam homens corroídos pelo amor. Tal semelhança permite-nos pensar que Félix e Bento são partes um do outro ou, talvez, a mesma personagem criada por Machado de Assis.

Para tentar compreender a afirmação acima, convém que nos reportemos a Helen Caldwell. No seu livro, ela discute no capítulo três, intitulado “O Germe”, sobre a dúvida que estrutura as personagens de Machado. A autora comenta que “O tema de *Ressurreição* é a dúvida – dúvida do Eu, que engendra a suspeição sobre os outros.” (CALDWELL, 2002, p. 43)

Ao pensarmos em *Ressurreição*, o começo do romance entre Félix e Livia é construído pela imaginação do moço. Isso ocorre devido ao suposto aperto de mão mais forte que o normal dado por Livia. Aqui deixamos bem claro que esse aperto de mão é narrado pelo seu comentarista intruso, ou seja, imaginado por ele. Outro exemplo que a autora oferece está relacionado ao momento em que Félix resolve pôr Livia à prova com outro homem. Segundo Caldwell (2002, p. 46), essa desconfiança “[...] de Félix leva-o ao cúmulo de tentar Livia com outro homem [...] Mas o amor de Livia, que serve de prova cabal contra tudo, continua a reviver e animar o coração de Félix[...]”.

Esse outro homem, que se chama Dr. Batista, representa o vilão da trama. No desenrolar da história, Batista manda a Félix uma carta anônima tratando a respeito de Livia às vésperas do casamento entre a viúva e o moço enamorado. Essa missiva é suficiente para Félix desistir do matrimônio e se enclausurar na sua chácara. Mais uma vez temos o “germe” do ciúme da desconfiança utilizado por Machado em seus romances. Caldwell efetua, na sequência de sua análise, a comparação com o romance *Dom Casmurro*:

Semelhanças superficiais entre este romance e *Dom Casmurro* não deixam de espantar o leitor. Mas os personagens deste primeiro romance de Machado, apesar de um pouco rígidos – ou talvez exatamente por isso – são bem delineados. Não há dúvida da vileza de Iago, nem do fiel amor de Desdêmona, nem da falha de Otelo. Félix, abençoado com dinheiro, boa educação, gosto refinado e o amor leal de uma boa e bela mulher, é impedido de desfrutar esse amor por sua ‘desconfiança’, que engendra as dúvidas do ciúme. [...] – a traição de Capitu, para ele definitivamente comprovada pela semelhança entre Ezequiel e Escobar (2002, p. 48).

Os narradores de Machado observa Caldwell, nos advertem sobre as explicações de Félix devido a sua desconfiança. Considerando que a obra *Dom Casmurro* tem um narrador suspeito representado por Bento Santiago, constatamos que a percepção é apenas dessa personagem. Nessa linha de raciocínio, a ensaísta americana acrescenta que “[...] as explicações de Machado ao leitor não vão, além disso; mas há indícios, nas descrições das emoções de Félix” (CALDWELL, 2002, p. 49). As explicações são que a desconfiança de Félix é inata. Aí acrescentamos a de Bento, pois uma das principais cenas que ele relembra é o choro de Capitu no velório de Escobar; amigo de longa data tão estimado pelo casmurro narrador.

Devemos lembrar que a escritora norte-americana trata sobre a gênese do ciúme de Bento Santiago. De acordo com Caldwell, esse ciúme é produzido por

meio de uma conversa que terá com José Dias sobre o que estava acontecendo com sua amada enquanto estudava Direito na capital. Interessado na sua permanência junto aos Santiagos e vendo na filha dos Páduas uma ameaça à sua boa vida de agregado, José Dias maliciosamente insinua que Capitu estaria alegre e podendo até estar flertando com outros rapazes:

Através de seu “conselho”, José Dias não planta apenas as sementes do amor em Bentinho; ele planta também a suspeita de que Capitu estaria tramando e acabaria por enganá-lo, através do comentário sobre os “olhos de cigana”. Enquanto Bentinho se encontra no seminário, apesar de ir para casa em vários finais de semana, José Dias o visita várias vezes seguidas para levar notícias da família e relatar avanços no enfraquecimento da resolução de Dona Glória (CALDWELL, 2002, p.25).

A autora nos adverte sobre esse nascimento da dúvida que acaba posteriormente sendo crônica na personagem do suspeito narrador.

Dentro desse mesmo espírito do ciúme, Caldwell discorre sobre indícios de que a desconfiança de Félix seja pautada em algo enraizado na sua infância com sua mãe, analogamente ao que sucede com Bento Santiago. A passagem em *Ressurreição* quando aparece Luís, o filho de Lívia, é marcada pela perplexidade de Félix durante a cena fraterna entre mãe e filho. Como sustenta Caldwell, “há indícios” (2002, p. 49) de que o amor de Félix pela mãe foi sua primeira desilusão amorosa, que ele “sacrificou a Deus” (IDEM, p. 50).

Em comparação a *Dom Casmurro*, devemos lembrar que Bento tem que ir ao seminário devido a uma promessa da mãe, e Capitu monta uma estratégia para saber se Bentinho, caso se visse numa situação extrema, escolheria ela ou sua mãe. A resposta do adolescente faz que Capitu chame-o de mentiroso.

Neste capítulo de Caldwell, ficam bem esclarecidas as questões desse “germe” da dúvida instaurada em *Ressurreição* e *Dom Casmurro*. O problema é que tanto Félix quanto Bento não são enganados por suas mães ou por suas amadas, mas sim pelas suas próprias desconfianças. Caldwell abre um parêntese na sua análise justamente para definir o vocábulo “desconfiança”:

[...] os dicionários de português definem “desconfiança” como lapso de verdade, disposição para suspeitar da honestidade e sinceridade de outrem, disposição para se sentir ofendido, temor de ser enganada, disposição para exagerar as coisas e tomar observação ou brincadeiras como afronta pessoal, falta de confiança em si e nos outros (2002, p. 44).

Ao fim do capítulo, mais uma vez a ensaísta americana mostra-nos que as crenças de Bento Santiago são em parte corretas, entretanto o equívoco está em si mesmo:

Santiago está correto em acreditar ter nascido entre as forças do bem e do mal, mas não está tão certo em acreditar que essas forças se encontravam incorporadas, respectivamente, em sua mãe e Capitu. A ironia não está nele ter sido enganado por Capitu, mas por ter sido enganado por si mesmo. (CALDWELL, 2002, p. 54).

Acrescentemos essa ironia a Félix e perceberemos que ele toma suas conclusões a partir da leitura de uma carta, na realidade, remetida pelo seu adversário amoroso e, assim, conclui que sua amada é uma pessoa não confiável. Esse “germe” da desconfiança que estrutura as personagens de Machado de Assis sem dúvida permite várias discussões. No cotidiano muito bem observado por Machado, temos esse “germe” disposto de várias maneiras, não apenas no amor, mas em todas as instâncias do convívio social:

Dom Casmurro faz voltar o estilo das memórias, quase póstumas: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Eu tudo, se o resto é igual, a fisionomia é diferente. Se me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo está lacuna é tudo” (cap. II). Falta o adolescente Bentinho que, traído pela mulher amada e pelo melhor amigo vira Dom Casmurro (BOSI, 2006, p. 181).

O que ata Félix e Bento são as memórias. Ressaltamos que no desfecho de *Ressurreição* Félix se torna de certa maneira uma pessoa enclausurada e fechada para vida, infeliz como Bento. Sobre essa questão, esse trabalho buscou entender o porquê que tais personagens se tornam assim e quais os fatos culminantes. Decifrar isso é uma forma de mostrar as amarras entre as histórias de *Dom Casmurro* e de *Ressurreição*, buscando esclarecer a experimentação de Machado em uma personagem geralmente tido como romântica que mais tarde irá se tornar uma personagem realista, com uma abordagem psicológica que pretende compreender como funciona o pensamento de quem vive na linha da dúvida:

Vale a pena lembrarmos, antes de tudo, por que existe um debate. *Dom Casmurro* tem muitos elementos que críticos literários por instinto associam ao modernismo: um narrador notoriamente não confiável, uma consciência

muito sofisticada e cética da estrutura do romance, uma tendência para digressões de relevância duvidosa para o enredo (GLEDSON, 2006, p. 281).

Nesse ponto “Dizer que *Ressurreição* é romance menor de Machado é não perceber a vigorosa vocação do romancista para o desenho de personagens ambíguos e escorregadios, que tudo ignoram sobre si mesmos e não sabem nem mesmo do que são capazes e incapazes”. (DIMAS, 1995, p. 5). Enfim, quando colocamos de fato as estruturas de *Ressurreição* e *Dom Casmurro* frente a frente percebemos que há um grande elo que une as personagens Bento e Félix, esse grande elo é o da dúvida.

Em *Ressurreição*, o outro elemento de ligação é Lívia, a jovem viúva que faz Félix ver de outra maneira o amor:

Lívia oferece alternativas excludentes e opõe destino, elemento abusadamente romântico, à natureza, sinônimo de temperamento, índole pessoal. Sutil e inteligente, parece que ela engancha o primeiro termo em Félix. Bastante propenso a crer na fatalidade, e se reserva para si o segundo termo, natureza, pois sobre esta demonstrou maior conhecimento de causa e, portanto, domínio (DIMAS, 1995, p. 9).

Sem dúvida como afirma Antonio Dimas em “Natureza¹ x Destino 0”, prefácio à *Ressurreição*: “Lívia percebeu Félix que não percebeu Lívia” (DIMAS, 1995, p. 9), essa não percepção de Félix é causada pelo fato de estar diante de uma mulher experiente e com um passado no amor que lhe deixou marcas. A desconfiança de Félix diante da amada sempre é pautada na desconfiança das atitudes que a viúva gera nele. Ou seja, os acontecimentos exteriores à trama não são de fatos essenciais para que as duas personagens tenham concretamente algo de que desconfiar. Em *Ressurreição*, o adversário de Félix apenas tenta induzir que teria tido algo mais forte com Lívia, mas o que se vê são apenas suposições do narrador da história que tudo sabe e tudo vê e inclusive opina sobre seu antagonista. Já em *Dom Casmurro*, Escobar é amigo próximo que causa em Bento Santiago o sentimento de inveja voltado e transformado em ciúme doentio que é direcionado para o ex-companheiro de seminário.

De uma forma semelhante a Félix, isso transcorre também com Bento Santiago. Diante dele está Capitu, “[...] sem dúvida a mulher mais famosa e controversa da literatura brasileira” (GLEDSON, 2006, p. 335). Bentinho se apaixona pela doce e bela Capitu na adolescência, mas ao passar dos anos ela se torna os

“olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. A moça causa reviravoltas nos sentimentos de desconfiança e ciúme de Bento, isso faz com que a dúvida sempre esteja pairando no ar que respira o narrador de *Dom Casmurro*.

Como podemos constatar pelos comentários acima sobre os romances que ora analisamos, há vários fatores que alguns teóricos perceberam sobre Félix e Bento. Tais dados nos auxiliarão nesse trabalho a desvendar realmente se Bento Santiago é uma continuação de Félix, o que de imediato suscita a discussão sobre o fato de o Machado de Assis, considerado romântico, atuar como um laboratório de experimentação do Machado realista.

Entretanto, como já posto nesse trabalho, definir a obra desse grande escritor brasileiro em romântica ou realista não é suficiente diante de todos os fatores já argumentados aqui. Vários teóricos já salientaram que a obra de Machado é uma única gama de personagens muito bem delineados com vários aspectos psicológicos que evidenciam a perspicácia desse grande autor a amarrar suas histórias.

Discussões sobre a fidelidade do narrador perante sua própria história é sem dúvida outro fator que impõe atenção, visto que nos dois romances aqui analisados existem narradores que o escritor coloca em meio à trama, direcionando para a visão deles sobre o que está acontecendo durante a história:

Conversando com o leitor, o narrador machadiano deixa explícito que o enredo está sendo construído, desnaturalizando, assim, o pacto narrativo “humanizado”, através do qual o leitor tenderia a viver a história ao invés de aperceber como linguagem. O caráter “construído” de *Ressurreição* fica explícito desde a “Advertência” da 1ª edição, na qual Machado, contrapondo-se ao mito romântico da criação autoral espontânea e personalizada, concede todo o poder criador à “reflexão” e ao “estudo”: “cada dia que passa me faz conhecer melhora o agro destas tarefas literárias – nobres e consoladoras, é certo -, mas difíceis quando as perfaz a consciência”. (ASSIS, 1961, p. 8). Essa advertência, que certamente desiludiu o leitor do século XIX, ansioso por conhecer um suposto universo transcendental de gênios criadores, [...] (PIRES; OLIVEIRA, 2010, p. 224).

Essa conversa com o leitor é uma estratégia muito bem elaborada pelo escritor para que os leitores tenham a visão dada a eles sem questionamentos, e para isso a análise ora efetuada é sem dúvida um questionamento pertinente e que buscou analisar elementos transcritos através da narrativa machadiana.

O narrador de *Ressurreição* tudo vê e tudo sabe, e inclusive opina sobre os fatos, narrando em detalhes expressões, lugares e acontecimentos entre as

personagens; em *Dom Casmurro* nosso narrador-personagem analisa e tira suas próprias conclusões por intermédio do que vive sem sequer questionar-se.

Eis outro ponto a que Caldwell traz para a análise de Machado de Assis: a comparação com a peça shakespeariana é muito bem feito, e realmente vários pontos de análises são cotejados. Como nesse trabalho, a comparação dessas personagens também se encaixa na analogia com Shakespeare, pois temos a questão do ciúme envolvendo tais personagens, atando-as em narrativas nas quais temos suas vidas delineadas por meio desse sentimento humano que é o ciúme.

O que observamos também com essa comparação e a peça teatral é que Machado foi beber em grandes fontes e, principalmente nesse grande escritor mundialmente conhecido e lido que é Shakespeare. Concluímos então a ideia empirista que Machado teve em sua obra, desde seu início até seu término, há uma linearidade que corta suas narrativas, sejam elas denominadas românticas ou realistas.

Concatenando com as observações no parágrafo anterior, também partilhamos da ideia de Luís Felipe Ribeiro, em cujo livro fica convencionado que a obra machadiana é única e não pode ser separada em estéticas literárias. Isso tudo transcorre em virtude de que por meio dessas personagens centrais de nossa discussão (Félix e Bento), separadas por algumas décadas, parecerem-se muito mais do que o leitor possa desconfiar.

Ainda efetuando a abordagem de alguns aspectos de *Dom Casmurro*, lembramo-nos da destreza com que Machado desenvolveu Capitu e Escobar, ambas capazes de retraírem-se e ficarem por momentos fora da realidade como “Cosme e seu gamão” (GLEDSON, 1991, p.42), porém o tio de Bentinho se completa exteriormente com esse brinquedo. Quanto ao jovem Bento Santiago nele existe momentos de fuga da realidade, situação que ocorre com quase todas as personagens de *Dom Casmurro*. Convém observarmos que elementos exteriores atuam como um complemento para a “alma interior”, todavia essa última circunstância não é encontrada no Casmurro narrador:

Assim, não surpreende que os momentos de encontro de Bento consigo mesmo sejam fugazes e extremamente tensos: de qualquer modo, o fato de ele se encontrar consigo mesmo já é bem surpreendente e pode, com segurança, ser interpretado como um sinal de fraqueza. Seu eu exterior não é suficiente para defendê-lo desses momentos (GLEDSON, 1991, p.41).

Consequentemente, a falta do complemento exterior faz com que cada vez mais a personagem vá se enclausurando e tornando-se presa a essa fuga. Na comparação com Félix, este se apresenta sem confiança em si próprio, vendo seu amor ressurgir e morrer novamente sem expectativas para que volte a amar.

Caldwell constata que “O título *Ressurreição* explica a ação: o “coração” mortificado de um homem, ou sua “capacidade de amar”, retorna à vida pela chama quente do amor de uma mulher para, em seguida, voltar novamente à cova, extinto pelo ciúme” (2002 p. 43-44). Valendo-nos dessa interpretação de Caldwell, essa possível cova onde os dois desconfiados homens se encerram é uma espécie de mortalha do ciúme que, respectivamente, Lívia e Capitu provocam. Como as duas mulheres são vistas por Félix e Bento sob o prisma da dubiedade, isso acaba contaminando a maneira de compreender os romances, pois seus narradores pretendem lançar a semente da dúvida no espírito dos leitores das obras.

Como podemos perceber ambos os romances não representam algo fixado, acabado e friamente terminado; a cada momento, a cada época, estudiosos continuam trazendo várias novas discussões. Esses debates dependerão dos olhos de quem esteja diante dessas narrativas, buscando elementos com os quais se depara e tem dúvida. Consequentemente, essa dúvida do leitor é a hesitação das personagens ora analisadas. Machado mostra que o desenvolvimento do novo é indubitavelmente causado pelos questionamentos que acercam o ser humano. Em outras palavras, os sentimentos humanos são complexos nas personagens aqui analisadas. Temos vários sentimentos como a angústia, o medo, a inveja, o egoísmo e principalmente o ciúme, que é um dos principais elementos de união entre os protagonistas. Trabalhar, portanto, com esses sentimentos é algo complexo. Acerca de uma possível teoria, atentamos para a seguinte citação:

Luis Filipe considera que a obra de Machado de Assis é marcada por uma unidade inseparável, contrariando os críticos que a dividem em dois momentos diferentes. Portanto, sua análise do romance machadiano assume um nítido tom de polêmica, velada ou não, estribada numa mirada em torno de quem fala considerando outras contribuições, aceitando-as ou rejeitando-as, e sempre em tom de diálogo. Para ele, há um claro resgate da memória no romance machadiano. Ao analisar Dom Casmurro, abre a cancela da memória de Machado e, atravessando-a, revolve o processo de construção desse romance como um resgate do vivido feito pela memória, esta, peça estruturante de toda a narração. Mostra que Machado “parte do texto para as sombras e não destas para construí-lo”, pois tudo nele “é consciência do caráter verbal da sua construção”. Sendo assim, o narrador ocupa o centro do romance machadiano e com isto o ponto de vista assume função fundamental. Tudo no romance machadiano se organiza em torno do

ponto de vista, razão por que L. F. considera que Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Quincas Borba são a mesma história, apenas narrada de pontos de vista diferentes (RIBEIRO, 1996, p.13).

A análise de Luís Felipe é polêmica, porém faz sentido para a análise comparada entre essas duas personagens. Vem a calhar essa tese de que a obra de Machado é uma única “unidade inseparável”, devido ao fato de as personagens aqui analisadas serem de épocas diferentes, portanto é lícito pressupor que o autor das duas obras buscou em *Ressurreição* fonte de inspiração para *Dom Casmurro*, pois seus protagonistas parecem ser uma continuação um do outro com seus sentimentos, ações e principalmente como suas vidas.

Podemos pontuar que há muitas coisas que estão nas “sombras”. Como dito na citação acima, Machado vai do texto para as sombras, e deixa nestas a essência para entendermos o que há de fato em sua obra. Em nosso trabalho, busca-se um pouco dessa essência, a fim de descobrirmos nas duas narrativas os pontos de ligação entre Félix e Bento Santiago.

4. OS ELOS ENTRE AS PERSONAGENS

Nesse capítulo, são destacadas na análise as características principais das personagens Félix e Bento Santiago. Buscamos por meio da estrutura dos textos, fatos que demonstram as semelhanças das personagens machadianas, com o objetivo de oferecermos uma resposta à questão que nos pôs a estudar ambos os romances machadianos: Félix e Bento Santiago representam uma personagem ou a mesma personagem? Começaremos a responder essa pergunta pelo desfecho da trama envolvendo Félix e sua história de amor intrigas e desconfianças.

Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz. A natureza o pôs nessa classe de homens pusilânimes e visionários, a quem cabe à reflexão do poeta: "perdem o bem pelo receio de o buscar". Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, quer haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões (ASSIS,1995,p.104).

De fato, a “ressurreição” de Félix foi momentânea e passageira como vista nos capítulos anteriores, uma vez que, seu amor ficou enterrado e esquecido devido a sua desconfiança de tudo que o cercava, conforme se entrevê na trama. Para ligarmos-lo por analogia a Bento Santiago, começaremos pelo momento em que o personagem-narrador explica o motivo pelo qual é chamado de Dom casmurro:

Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto (ASSIS, 2006, p. 12).

Devemos atentar para a explicação do motivo de ele ser chamado de Dom Casmurro. Ele mesmo afirma ser um “homem calado e metido consigo” (ASSIS, 2006, p.12). Dentro dessa linha de raciocínio, lembramos que Félix ressurgiu para a vivência amorosa e posteriormente se enclausurou para nunca mais voltar a ser a mesma pessoa. É possível deduzirmos que as duas personagens possuem elementos que as singularizam e outros que as aproximam. Constatamos que os

dois homens tiveram um mesmo destino e enfim acabaram encerrados em si mesmos e infelizes.

Sem dúvida, uma das primeiras respostas encontradas para a pergunta, se de fato os dois eram semelhantes, relaciona-se ao fato de os dois estarem atados pelo sentimento de ciúme com o qual Machado de Assis trabalha em várias de suas obras, como Helen Caldwell disserta:

O ciúme é engendrado pela “desconfiança”.(Os dicionários de português definem “desconfiança’ como lapso de verdade, disposição para suspeitar da honestidade e sinceridade de outrem, disposição para se sentir ofendido, temor de ser enganado, disposição para exagerar as coisas e tomar observações ou brincadeiras como afronta pessoas, falta de confiança em si e nos outros) (2002,p.44).

Com essa definição de desconfiança feita pela ensaísta americana, temos uma boa caracterização comportamental das personagens analisadas nesse trabalho. Apesar de não haver estrutural e concretamente tal sentimento humano no texto do escritor, as personagens agem conforme desconfiam ou creem em fatos que supostamente veem ou lembram, e definem como culpadas as mulheres pelas quais nutrem forte sentimento amoroso.

Félix mesmo com provas cabais de que a carta entregue por Dr. Batista é um ardid, continua acreditando que a viúva não inspira confiança. Mesmo “A vida solitária e austera da viúva não pôde evitar o espírito suspeitoso de Félix. Creu nela a princípio. Algum tempo depois duvidou de que fosse puramente um refúgio; acreditou que seria antes uma dissimulação”(ASSIS,1995,p.104).

Há em Félix uma disposição para suspeitar de outras pessoas, mesmo com tudo sendo concretamente apresentando a ele evidenciando que foi um logro preparado por seu adversário conjugal. Félix prefere acreditar que Livia é dissimulada, fazendo isso para esconder a verdade.

No que tange a Bento Santiago, nas palavras finais de sua narrativa também está presente análogo sentimento nutrido contra Capitu e Escobar:

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! (ASSIS,2006,p.189).

Não há outra versão para Bento Santiago, o que ficou em sua mente foi à traição de sua esposa com aquele que considerava seu grande amigo. Para ele, Capitu foi culpada “era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção...” (ASSIS, 2006, p.176)

Quando, certa vez, José Dias maldosamente comenta que Capitu tem os “olhos de cigana”, essas palavras deixam em Bento Santiago uma suspeita do caráter de Capitu. Por coincidência ou demonstração do ciúme que o corroeria mais tarde, Bento põe-se a observar tudo com mais atenção. Isso faz com que comece a perceber (ou supor) que Capitu olha para outros rapazes com certa dissimulação. Consequentemente, seja equívoco ou não, seja uma artimanha para ganhar a simpatia do leitor, tal percepção das ações da moça engendra as suspeitas no espírito do ciumento casmurro.

Ao focalizarmos *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, podemos entender que de fato ambas as personagens machadianas se entrelaçam e acabam parecendo uma só, quando comparamos uma à outra:

O amor de Félix era um gosto amargo, travado de dúvidas e suspeitas. Melindroso lhe chamara ela, e com razão; a mais leve folha de rosa o magoava. Um sorriso, um olhar, um gesto, qualquer coisa bastava para lhe turbar o espírito. O próprio pensamento da moça não escapava às suas suspeitas; se alguma vez lhe descobria no olhar a atonia da reflexão, entrava a conjecturar as causas dela, recordava um gesto da véspera, um olhar mal explicado, uma frase obscura e ambígua, e tudo isso se amalgamava no ânimo do pobre namorado, e de tudo isto brotava, autêntica e luminosa, a perfídia da moça (ASSIS, 1995, p. 50).

Contudo, se trocássemos nessa citação o nome Félix por Bento Santiago, teríamos, sem dúvida, a definição do amor deste último por sua amiga de infância Capitu, na qual pairam dúvidas e suspeitas. Essa disposição do moço de suspeitar da futura mulher também é nítida na maneira de Félix proceder com Lívia:

Enviada a carta, deixou-se ele entregue à sua dor, disposto a não voltar a Catumbi. Ninguém viu então uma lágrima que o desespero lhe arrancou, e que ele se apressou de enxugar com vergonha de si mesmo. Recapitulou então todos os sucessos dos últimos dias; nunca lhe parecera mais evidente a traição da moça, nem mais cruel a situação do seu espírito. Um raio de esperança veio entretanto projetar-se na sua noite de dúvidas. Imaginou que tudo podia ser erro e ilusão, e esperou que a resposta de Lívia tudo viesse esclarecer. Não esclareceu a resposta da moça, porque o portador da carta voltou sem ela. Ao ciúme que o devorava, veio misturar-se o despeito; complicou-se a dor com o orgulho ofendido. Lívia apareceu-lhe

com todos os caracteres de uma loureira vulgar, e loureira não traduz bem o pensamento do moço (ASSIS, 1995, p.52).

A impressão no espírito de Félix é que Livia também o traiu, apesar de haver provas e testemunhas suficientes para acreditar no contrário. O narrador onisciente e intruso de *Ressurreição* descreve os sentimentos de Félix como se fosse ele próprio a personagem, dando detalhes da alma e do espírito do rapaz. Machado confere aos narradores desses dois romances aqui analisados grande importância. A esse propósito, Gledson observa que “o narrador é sempre (e, até certo ponto, precisa ser) também uma personagem, criação de seu autor” (1991, p.8). Para manter certa dubiedade narrativa, o bruxo do Cosme Velho usou, e muito, o narrador em primeira pessoa como em “Brás Cubas, o conselheiro Aires, ou o padre de Casa velha” (IDEM, 1991, p.8).

Por sua vez, o narrador em terceira pessoa que interfere no enredo com comentários, também é prazerosamente empregado por Machado. Em *Ressurreição* o narrador intruso muitas vezes adentra a história para opinar sobre o que está acontecendo. Trata-se, pois, de um narrador construído aos moldes do narrador em primeira pessoa de *Dom Casmurro*. Contudo, percebemos aqui outro elo semelhante que são as figuras desses narradores. Mais uma vez seguindo o tempo cronológico podemos concluir que o narrador intruso de *Ressurreição* serviu de experimentação e foi melhorado nos narradores personagens usados por Machado em suas obras posteriores.

Observam Pires e Oliveira (2010, p.224) que “Conversando com o leitor, o narrador machadiano deixa explícito que o enredo está sendo construído”. Não são raros os momentos que o narrador de *Ressurreição* entra em cena para opinar sobre as personagens ou sobre a história. Uma das principais intervenções está relacionada à definição das características físicas e comportamentais de Félix:

feições corretas, a presença simpática, e reunia à graça natural a apurada elegância as com que vestia. A cor do rosto era um tanto pálida, a pele lisa e fina. A fisionomia era plácida e indiferente, mal alumiada por um olhar de ordinário frio, e não poucas vezes morto. Do seu caráter e espírito melhor se conhecerá lendo estas páginas, e acompanhando o herói por entre as peripécias da singelíssima ação que empreendo narrar. Não se trata aqui de um caráter inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em quem se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis. Duas faces tinha o seu espírito, e conquanto formassem um só rosto, eram todavia diversas entre si, uma natural e espontânea, outra calculada e sistemática. Ambas, porém, se mesclavam de modo que era difícil

discriminá-las e defini-las. Naquele homem feito de sinceridade e afetação tudo se confundia e baralhava. Um jornalista do tempo, seu amigo, costumava compará-la ao escudo de Aquiles — mescla de estanho e ouro, — "muito menos sólido", acrescentava ele (ASSIS, 1995, p.18).

Percebemos que o narrador conhece com riqueza de detalhes a personagem, e decifra todas as suas características que no decorrer da trama ficam mais evidenciadas. Com relação ao narrador de *Dom Casmurro*, temos a própria personagem entregue às memórias e tentando revivê-las. Sem dúvida, quando o narrador de *Dom Casmurro* nos põe frente a frente com os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” de Capitu, temos uma percepção do que são esses olhos:

Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios [...] (ASSIS,2006, p.55).

Podemos constatar que o narrador de Machado vai nos encaminhando para que posteriormente cada um tire suas conclusões sobre os fatos acontecidos. Aqui temos o exemplo de que Bentinho se deixa levar a observar e ver se realmente o que José Dias dissera sobre os olhos de Capitu eram verdade ou apenas coisas da imaginação do agregado.

Até a publicação do livro *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*, de Helen Caldwell, Capitu foi julgada e condenada por vários leitores de *Dom Casmurro* de acordo com as evidências dadas pelo narrador Bento Santiago. A ensaísta foi a primeira a defender a protagonista feminina e plantar a dúvida que era até então a certeza de Bento Santiago, de seus leitores e dos primeiros críticos do romance. Os tempos da velha questão sem resposta, “Capitu, culpada ou inocente?”, acabou cedendo lugar à desconfiança do narrador de *Dom Casmurro*.

O trabalho aqui proposto não tem o objetivo de responder a essa velha pergunta. Atentamos aqui na dúvida gerada por estar Bento interligado com Félix, personagem criada anteriormente por Machado. Fica bastante evidente que Machado elaborou um projeto literário único no qual as duas personagens se repetem uma na outra, e são demonstrações de observações feitas de seu próprio cotidiano e desenvolvidas ao longo do tempo.

Com isso, podemos dizer que Bento Santiago figura como um aprimoramento de Félix. Esse aperfeiçoamento vem por meio dos anseios, dúvidas e sentimentos gerados de uma semelhança no comportamento e principalmente na estruturação das personagens. Não está em questão o fato de a história de Bento Santiago ser mais complexa. Isso é óbvio, já que Capitu tem maior complexidade interior que Lívia.

Capitu é sem dúvida uma das personagens mais famosas da literatura. Isso se deve ao fato de estar frequentemente relacionada a uma das perguntas mais feitas diante de um livro. Sua honestidade de esposa é posta em xeque por seu marido, que é também narrador do romance. Por conseguinte, essa desconfiança disseminou durante muitas décadas a ideia de que realmente houve um caso de adultério em *Dom Casmurro*, havendo a mudança dessa ótica com a polêmica instaurada por Caldwell, que se deteve na análise da linguagem e na estrutura da obra.

Devemos lembrar que toda a história de *Dom Casmurro* é contada por um narrador-personagem, e com isso ele está fadado a reviver aquelas lembranças de Capitu. No que se refere à *Ressurreição*, temos todo o enredo nas mãos de um narrador em terceira pessoa. Em *Dom Casmurro*, podemos pôr tudo sob a perspectiva de desconfiança, pois o mais interessado em manipular a própria história é Bento Santiago, entregue aos seus sentimentos mesquinhos e vingativos, muitas vezes pensamentos severos. Por exemplo, a certa altura de sua narrativa, ele deseja a morte da esposa e do filho. Quando isso efetivamente acontece, não há nele nenhum sentimento de compaixão aparente, ainda que os dois fossem parte de si mesmo e tivessem constituído um núcleo familiar com ele.

Já em *Ressurreição*, a descrição da mulher que Félix ama passa por adjetivos como bela e formosa. Esse amor nasceu como já citado, de uma perto de mão ao qual o moço dá conotação apaixonada. Eis o elo entre Félix e Bento Santiago: ambos se pautam por conjecturar coisas, deturpando a realidade, dando vazão à imaginação.

Lívia representava ter vinte e quatro anos. Era extremamente formosa; mas o que lhe realçava a beleza era um sentimento de modesta consciência que ela tinha de suas graças, uma coisa semelhante à tranquilidade da força. Nenhum gesto seu revelava o amor-próprio geralmente inseparável das mulheres bonitas. Sabia que era formosa, mas tinha para si que, se a natureza se havia esmerado com ela, era por uma razão de harmonia e de

ordem nas coisas terrestres. Afeiar as suas graças, parecia-lhe um crime; tirar orgulho delas, frivolidade (ASSIS, 1995, p.31).

O que podemos concluir é que a relação entre as personagens masculinas e femininas é baseada em suposições e fatos narrados por uma perspectiva dos dois homens. Tomemos um exemplo de *Ressurreição*, que tem analogia com o pensamento de Bento Santiago, do outro romance: “Lívia não parecia prestar-lhe atenção, nem o pretendente magoar-se por isso. Era um modelo de dissimulação e cálculo. Conhecia todos os artifícios da campanha amorosa, a indiferença, o desdém, o entusiasmo, e até a resignação” (ASSIS, 1995, p.39).

Novamente, por intermédio do narrador, temos essa percepção de que supostamente Lívia é dissimulada, um pouco distraída e talvez não esteja muito atenta às pessoas ao seu redor. Nada diferente do que ocorre em *Dom Casmurro*. Em sua narrativa, Bento Santiago recorda os olhos de Capitu e a definição que José Dias deu sobre os olhos da moça.

Podemos concluir que a semente plantada por José Dias sobre o caráter da adolescente fez a dúvida se tornar uma quase certeza para Bento. Convém observarmos que José Dias é uma personagem que aparentemente não tem tanta importância, porém é ele mesmo quem comenta com Bentinho sobre o olhar de Capitu, favorecendo assim, que a semente da dúvida comece a germinar no espírito do adolescente. Como o jovem já possui tendência à desconfiança, ele começa a perceber e observar atitudes de Capitu que não observara antes.

Idêntico recurso é empregado por Machado em *Ressurreição*. Nesse romance, o antagonista de Félix é Dr. Batista. Este também lança a semente da dúvida e principalmente do ciúme no espírito de Félix. Batista não tem nenhum receio em cortejar a viúva com a qual Félix tenciona casar, contudo seu grande golpe é ir até a casa do moço para contar-lhe sobre um desejo de Lívia adquirir certa obra de arte, instilando o veneno do ciúme no indeciso moço.

— Pois bem, continuou Batista. Estamos nesse caso. Ela é extremamente caprichosa, e mais ainda que caprichosa, é amante de coisas d'arte. Há dias fui achá-la aborrecida. Interroguei-a; nada me quis dizer. Pela conversa adiante falou-me duas ou três vezes numa gravura que vira na Rua do Ouvidor, e que o dono vendera quando ela lá voltou, disposta a comprá-la. O assunto era o mais ortodoxo possível: a *israelita Betsabé* no banho e o rei Davi a espreitá-la do seu eirado. Não lhe parece galante? A gravura creio que era finíssima; mas tinha, além disso, um merecimento para a pessoa de quem lhe falo: é que a figura de Betsabé era a cópia exata das suas feições. Vaidade de moça bonita. Mostrava-se tão desconsolada quando falava

naquilo que facilmente percebi não ser outro o motivo do aborrecimento em que a fui encontrar (ASSIS 1995, p.90).

Na conversa entre os dois, evidencia-se que o desejo de Dr. Batista é provocar ciúme e desconfiança em Félix:

— Fiz o que faria qualquer outro. Era necessário que a todo o transe ela possuísse um exemplar da gravura. Fui procurá-lo, e não achei. Gastei dois longos dias nessas pesquisas, e quando voltei à casa dela não tive remédio senão tirar-lhe a última esperança. Ela apertou-me afetuosamente as mãos, e agradeceu-me o trabalho, dizendo-me que era mais uma prova de amor que lhe dava; concluiu, porém, tudo isso com um suspiro. Eu não me atrevo a dizer ao senhor o que quer dizer um suspiro neste caso; aquele suspiro era uma insistência do desejo (ASSIS, 1995, p.90).

Uma carta que chega às mãos de Félix e confirma, enfim, os desejos de Luís Batista:

Foi nesse momento que trouxeram ao médico uma carta, entregue pelo correio. Félix abriu-a distraidamente, mas tanto que lhe leu o conteúdo ficou muito pálido e encostou-se a uma cadeira. Com a mão trêmula aproximou o papel dos olhos, enquanto os dentes mordiam os lábios até deitar sangue. Luís Batista aproximou-se rapidamente de Félix e perguntou-lhe o que tinha. — Nada, disse o médico, uma vertigem apenas... Há de dar-me licença, preciso estar só. O hóspede curvou-se, sorriu e saiu. Félix encerrou-se no seu quarto. Do que lá se passou ninguém de casa soube: algum rumor se ouvia de quando em quando, mas abafado, e uma ou outra exclamação vaga e solta. Eram quatro horas quando o médico saiu à sala (ASSIS, 1995, p. 91-92).

Temos o clímax da história quando Félix recebe essa misteriosa carta entregue pelos correios da qual, nós leitores, não atinamos com o conteúdo escrito nela. Devemos atentar à suposta visita de Dr. Batista e à reciprocidade de Félix perante seu adversário amoroso. Lembrando-se da definição da palavra desconfiança feita por Caldwell, algo já estava germinando na mente de Félix, pois ele não hesitou e nem desconfiou das reais intenções da carta que lhe havia sido endereçada. Sob o domínio do ciúme, sua decisão foi escrever uma carta para sua noiva dando por encerrado o combinado matrimônio dos dois que iria acontecer no dia seguinte.

No que tange às personagens aqui analisadas, percebemos a predisposição para que a dúvida que há na mente e no espírito delas seja concretizada por intermédio de fatos e palavras ditas por outras personagens envolvidas na história. Para Félix as palavras vieram de um adversário. Por precaução, essa situação

deveria levá-lo a uma análise normal dos fatos. Enfim, qualquer indivíduo teria uma dúvida diante dos fatos narrados pelo seu inimigo. Não é, todavia, o que sucede.

Esse modo de procedimento de Félix é bastante assemelhado ao de Bento Santiago. Em ambos os protagonistas, o ciúme provoca um falseamento do que sucede à sua volta. Seja Félix, seja Bento Santiago, ambos se deixam levar à procura de algo duvidoso que, na realidade, é a dúvida que reside em seus espíritos. Desde o início, portanto, o pensamento de um e de outro tende a desfigurar a realidade, levando-os, conseqüentemente, a conclusões precipitadas.

Outra questão de relevância para a análise aqui proposta é a de Capitu e Livia não tentarem se defender ou argumentar sobre as acusações de seus companheiros. O motivo de isso suceder relaciona-se ao fato de elas estarem inseridas em uma sociedade patriarcal, na qual a mulher é submissa a seu marido e nunca deve se opor a ele, porque isso representaria romper com as amarras sociais da época.

Como Roberto Schwarz observa, "*Ressurreição* é a história de um casamento bom para todos, que não se realiza devido aos ciúmes infundados do noivo" (2012, p. 88). Esse matrimônio que seria perfeito caso realizado, permite que percebamos o fato de Félix pertencer à alta sociedade da época e Livia ser filha do Coronel Moraes, ou seja, os interesses não são apenas sentimentais, mas também financeiros. Analogamente, é a mesma coisa que acontece em *Dom Casmurro*, quando crescido, o inseguro Bentinho se torna Bento Santiago, um advogado da alta sociedade que para Capitu representa uma pessoa interessante, pois tem uma boa profissão, o que significa para a jovem o conforto da vida familiar. Aqui há o elo que liga as personagens de um e de outro romance. Podemos entender que os casais exemplares para a sociedade, no século XIX, derivavam de famílias abastadas do Rio de Janeiro nas quais se procurava manter os laços entre si.

Como constatado acima, no primeiro romance machadiano há um casamento que não ocorre devido aos ciúmes infundados de Félix. Tal constatação permite-nos ligar esse romance a *Dom Casmurro*, cuja narrativa apresenta um matrimônio que foi encerrado em virtude dos ciúmes doentio de Bento Santiago. Em suma, devemos atentar ao fato que ambos os enredos apresentam a mesma temática do ciúme.

Machado gostava de trabalhar esse assunto em suas obras, não com dificuldade encontramos em várias de suas narrativas essa tendência reiterativa dessa temática do ressentimento amoroso. Entretanto, percebemos que Machado

buscava por meio de um sentimento próprio ao ser humano fazer de suas narrativas algo mais interessante ao construir tramas com personagens bem delineadas e muitas vezes embebidas desse sentimento. Segundo Caldwell, “Machado de Assis via a ‘desconfiança’ como aberração mental” (2002, p. 49).

Conforme exposto acima, é possível exemplificarmos a questão do ciúme com Félix. Esta personagem, em um momento da narrativa, explica que sua desconfiança vem de uma decepção do passado:

— Ninguém desperdiçou mais generosamente os afetos do que eu, continuou o médico, ninguém mais do que eu soube ser amigo e amante. Era crédulo como tu; a hipocrisia, a perfídia, o egoísmo nunca me pareceram mais que lastimáveis aberrações. Meu espírito criara um mundo seu, uma sociedade platônica, em que a fraternidade era a língua universal, e o amor a lei comum. Deixei-me ir assim, rio abaixo dos anos, gastando a seiva toda da juventude, sem cálculo nem arrependimento, até que me bateu a hora das decepções funestas (ASSIS, 1995, p.61).

Sobre essa explicação de Félix, Caldwell nos alerta para a advertência do onisciente narrador de *Ressurreição*:

A desconfiança dos sentimentos e das pessoas não provinha só das decepções que encontrara; tinha também raízes na mobilidade do espírito e na debilidade do coração. A energia dele era ato de vontade, não qualidade nativa: ele era mais que tudo fraco e volúvel (2002,p.49).

Ou seja, não há um motivo concreto para Félix sentir essa desconfiança de Lívia e principalmente de tudo o que envolve o casal, a despeito de não haver nele um motivo concreto para tal desconfiança.

No que se relaciona a Bento Santiago, nele a desconfiança talvez nascesse quando José Dias comenta sobre a dissimulação presente no olhar de Capitu, e isso faz o moço posteriormente ir conferir realmente se há mesmo fingimento nos olhos da adolescente. Porém, como já observado anteriormente, não há a gênese dessa desconfiança de Bento anterior a qualquer coisa, é uma espécie de fruto dentro da casca que está prestes a germinar.

Os elementos apresentados até aqui mostram a grandiosidade e perspicácia de Machado, mesmo em *Ressurreição*, tido como obra menor ou, muitas vezes, lembrado apenas como um marco de início de sua produção romanesca. A despeito disso, vemos que apesar de um pouco “rígidas”, as personagens desse romance são bem delineadas e mostram que o escritor começou conscientemente sua grande

produção literária. Posteriormente foi aperfeiçoando e fazendo uma gama enorme de personagens ainda mais bem delineadas, fazendo com que os leitores frequentemente se vejam intrigados com as entrelinhas dos escritos machadianos, nas quais nem todas as respostas são oferecidas.

Ao tentar fugir dos romances de costumes como o próprio escritor fluminense descreve em seu prefácio na obra *Ressurreição*, Machado cria um novo estilo com seus narradores intrusos e que não poucas vezes insinuam, dissimulam e colocam os leitores em várias perspectivas na história.

As personagens aqui analisadas demonstram alguns aspectos empregados por Machado para construir personagens ambíguas que deixam permanente na mente, o leitor desconfiado. É o caso de *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, romances que se distanciam temporalmente, mas que tematicamente se aproximam. Como procuramos destacar ao longo desse trabalho, há elos que fazem realmente Félix e Bento Santiago serem semelhantes. A primeira semelhança relaciona-se ao enredo de ambos os romances apresentarem duas personagens aparentemente iguais; o ciúme que os dois homens nutrem pelas mulheres amadas faz gerar neles sentimentos mesquinhos, tornando-os intolerantes e vingativos, quando não extrapola a razão, como ocorre com Bento Santiago, que chega a desejar a morte da ex-mulher.

Se o que expusemos acima é o principal elo entre as personagens, a outra conexão que liga ambas as personagens é o ciúme. Apenas para exemplificarmos, o desfecho da história de Félix parece coincidir com o início da narração de Bento Santiago. Constatamos que os dois homens se enclausuram devido às dores do passado.

Outro elo a ser enumerado relaciona-se a questão desse ciúme ser provocado pelas mulheres que a princípio amam. Lívia e Capitu também se assemelham. Lívia se mostra disponível e livre para amar Félix, porém devido aos ciúmes do noivo o amor não cresceu e nem deu frutos, pelo contrário fez os dois se separarem e seguirem caminhos distintos. Quando Bento começa sua narrativa contando a amizade que tinha por Capitu, parece que realmente não há nada que faça os dois apaixonados se separarem, porém desfazem seu relacionamento devido ao ciúme. Diferentemente, todavia, do desfecho de *Ressurreição*, o fim de Capitu e de seu filho é mais trágico: ela morre na Europa e Ezequiel morre por causa de uma doença contraída na África. Tais infortúnios não abalam Bento

Santiago. Temos a impressão que a ele esses acontecimentos funestos com a ex-companheira e com o filho funcionaram como uma espécie de vingança pelo suposto adultério que a esposa e o amigo haviam cometido.

Outra analogia que faz nossas personagens se aproximarem é o fato de esse ciúme ser infundado. Exemplificamos anteriormente tal circunstância com o recebimento de uma carta por Félix no momento em que seu rival amoroso lhe faz uma visita. Os dizeres da correspondência levam o desconfiado Félix a desfazer o casamento com Lívia, sem atinar que seria o próprio Batista o autor do escrito maledicente.

Em *Dom Casmurro*, Bento acredita na traição de Capitu apegando-se à semelhança de seu filho com seu amigo Escobar. Nesse romance, o suspeito narrador observa que Ezequiel tem a mania de imitar os outros. Uma das primeiras pessoas a perceber isso foi Capitu. Outros também observam isso. Dona Glória também observa que o neto se parece com Escobar, mas não existe nada concreto quanto a existirem características de Escobar em Ezequiel. Dessas inferências, podemos concluir que os dois personagens masculinos tendem a acreditar em coisas que talvez esteja apenas em suas mentes.

Outra similitude que podemos elencar está relacionada ao narrador de cada um dos romances. Em *Ressurreição*, o narrador intruso tudo sabe e tudo vê, além disso, opina sobre os fatos e acontecimentos, características próprias dos narradores que Machado criou. A esse respeito, Antonio Dimas observa que “seus narradores [...] dão o tapa sem mostrar a mão” (ASSIS, 1995, p.3), isto é, fazem a história caminhar de uma maneira que o leitor, após ler a última página e fechar o livro, fica se perguntando sobre os fatos que acabou de ler.

No que concerne a Bento Santiago, podemos afirmar que é um dos narradores-personagens mais complexo da literatura brasileira. Se compararmos o Bento narrador em primeira pessoa ao narrador intruso de *Ressurreição*, podemos verificar que os dois enganam e encaminham o leitor para efetuarem a conclusão que ambos desejam que façam. Convém observarmos que o mais impressionante no narrador personagem de *Dom Casmurro* é que ele engana e é também enganado segundo a perspectiva que ele próprio adota para contar sua história.

Derradeira semelhança a que devemos atentar: a dúvida que os dois protagonistas nutrem em relação às mulheres com as quais convivem, deriva da desconfiança que seus antagonistas provocam. O rival de Félix é o Doutor Batista.

Este não se esconde. Pelo contrário, faz questão de cortejar Lívia na frente de Félix, e seu suposto golpe final foi à carta entregue a Félix. No caso de Bento, é o agregado José Dias que planta a dúvida no casmurro narrador quando insinua certa suspeição em Capitu que seria visível nos olhos dela.

É possível aventarmos que outro elo que une as personagens dos dois romances esteja relacionado à classe social a que pertencem. Félix é médico, porém não atua na profissão, a não ser quando cura a irmã de Lívia que já estava condenada pelos outros médicos. Bento é advogado, profissão pela qual ele busca fatos e provas para condenar sua desventurada Desdêmona. Temos, portanto, dois homens, que pertencem à alta sociedade do século XIX.

Com tudo o que foi exposto neste capítulo, de certa forma, buscamos responder aos questionamentos efetuados no início deste trabalho sobre as características dos protagonistas das obras machadianas. Félix e Bento são quase idênticos, ou reproduzem a mesma personagem que talvez Machado tenha criado, noutras palavras, o último seria uma reelaboração do primeiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observa o narrador de *Ressurreição*, “Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz” (ASSIS, 1995, p.104). Tomando de empréstimo as palavras de Bento Santiago, pode-se inferir que Félix “está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo” (ASSIS, 2006, p.12).

Ressaltamos as duas citações porque de certa forma estamos vendo o destino de dois homens sendo definidos da mesma maneira. Apesar de todos os motivos, como afirma o narrador de *Ressurreição*, Félix apenas encarna a infelicidade. Interessante atentarmos para a ironia do narrador, que dá a seu protagonista o nome de Félix, cujo significado é feliz, porém o que vemos é que no desfecho do romance o moço acaba só, desafortunado, transformado num sujeito enclausurado na sua dor.

Bento Santiago decreta no início da história o desfecho de sua vida. Temos um homem que goza de sua velhice apesar do que aconteceu com a sua vida amorosa e principalmente em sua juventude. Um dos motivos que faz o próprio narrador “colocar a pena na mão” e “Atar as duas pontas da vida” é lembrar o que lhe acontecera. Com isso, pode reviver seu passado no presente entregue às lembranças, deixando refluir sentimentos mesquinhos e vingativos, ao lembrar-se do suposto adultério entre Escobar e Capitu. Considerando o que foi discutido neste trabalho, o principal elo entre Félix e Bento Santiago relaciona-se ao fato de assemelharem-se, parecerem ser uma única personagem machadiana coexistindo em dois romances diferentes.

Félix e Bento Santiago têm predisposição para a desconfiança. Em se tratando de relacionamento conjugal, esse fato é ainda mais contundente em ambas as personagens, pois, como já observamos, há plena convicção dos dois homens de que foram traídos pelas mulheres que amam.

Assim concluímos a tese levantada por teóricos de que Machado, ao se inserir no mundo literário com seu primeiro romance *Ressurreição*, já teria em mente todo um projeto literário único, desenvolvendo personagens cujas características principalmente psicológicas, ecoam em outras personagens. Reforçamos essa ideia

com a lembrança de uma citação de Ribeiro, na qual haveria a obra literária de Machado caracterizar-se-ia por ser única.

Outro ponto que foi analisado, e que podemos dizer que estabelece um elo das personagens não só das duas obras a que este trabalho se refere, mas sim a toda obra machadiana – relaciona-se à argúcia dos narradores criados. O de *Ressurreição* comprova de que desde o começo de sua obra literária Machado já sabia o que pretendia, por exemplo, com aquele narrador intruso. Sem esse narrador que opina que se intromete, mas ao mesmo tempo se escondendo leitor de forma sutil, não teríamos uma visão tão ampla das personagens da narrativa.

O narrador de *Dom Casmurro* conclui o elo entre os narradores, pois de fato esse narrador em primeira pessoa é o que dá a essência da trama envolvendo Bento Santiago, na qual este se entrega à história de sua vida, relembrando os momentos bons, mas principalmente aquilo que o fez se tornar o que era no presente de sua narrativa, isto é, um homem que se retirou de certa forma do mundo, por não confiar em ninguém a sua volta. Em relação a essa desconfiança, o suspeito narrador discorre sobre a circunstância de sua esposa o ter traído com seu amigo.

Outro elo que conseguimos concatenar a essa análise são os antagonistas presentes em ambas as narrativas. Em *Ressurreição*, Dr. Batista, o adversário de Félix, se mostra de forma mais assídua para o leitor, cortejando Lívia e enviando uma carta que acaba dissuadindo Félix de casar. Em *Dom Casmurro*, deparamo-nos com o agregado José Dias, um antagonista dissimulado, que lança a semente da dúvida nos sentimentos do jovem Bento Santiago em relação à Capitu.

Percebemos nesses antagonistas que há, sim, uma ligação de um com outro, não pelo fato das circunstâncias narradas, pois Dr. Batista é um clássico adversário que inveja e cobiça Lívia, ao passo que José Dias se apresenta como um membro da família. Ambos fazem brotar esse sentimento de ciúme e de desconfiança em Félix e Bento, desenvolvendo conseqüentemente o ciúme e a desconfiança.

Outra analogia observada relaciona-se ao fato de as personagens representarem uma classe social muito bem delimitada na época, na qual suas profissões são representações de exercícios considerados nobres e essências para a população, pois um é médico e o outro é advogado. Apesar de não exercer a medicina, Félix é membro da alta sociedade do século XIX, sua profissão é bastante considerada. De idêntico modo, podemos constatar a importância social da atividade

exercida por Bento Santiago. Este é advogado, com grande representação social. Nos dois casos, apresentamos o dia a dia comum à vida de Machado. Essa observação permite verificar que o autor buscou sempre em seu círculo de convivência inspiração para suas narrativas, sem necessidade de apelar para dados sem verossimilhança.

Todas as similitudes mostradas nesse trabalho permitem a ideia de que Machado construiu uma espécie de fórmula literária em *Ressurreição* que se repete em *Dom Casmurro*. Apesar de as duas obras estarem separadas por alguns anos, seus enredos se assemelham e tornam seus protagonistas quase uma mesma personagem.

Em suma, devemos registrar que várias possibilidades e outros estudos podem ser dedicados a tais obras aqui citadas, porém esse trabalho buscou especificamente analisar seus protagonistas e os elos que os envolvem, detendo-nos no relacionamento entre os casais Félix e Lívia e Bento Santiago e Capitu. Há talvez mais elementos dentro dessa análise que poderiam ser verificadas com mais afinco, pois a cada vez que lemos *Dom Casmurro* ou *Ressurreição*, novas ideias e novos pontos interessantes de análises foram aparecendo, entretanto restringimos nossa ótica sobre as personagens protagonistas e uma e outra mais próxima, as quais nos auxiliaram no entendimento dessa ideia de uma única personagem que supostamente o escritor criou.

Entretanto, respondemos com um claro sim à pergunta feita na gênese desse trabalho, isto é, se Félix e Bento Santiago são a mesma personagem desenvolvida por Machado. Evidências que apresentamos comprovam que os protagonistas de *Ressurreição* e *Dom Casmurro* são espelho um do outro em todos os seus aspectos, principalmente sentimentais, no qual faz os dois se encaixarem e em certos momentos parecendo assim uma única personagem. Ademais, vale ressaltar a questão de que nesse trabalho buscamos desenvolver as semelhanças com o foco nas próprias narrativas, valendo-nos do auxílio de alguns estudiosos que, de certa forma, também buscaram elencar as analogias entre um e o outro romances, sobretudo a de que Bento Santiago represente efetivamente um aprimoramento de Félix, ou, noutra perspectiva, a de que Machado desenvolveu Bento Santiago inspirando-se e lembrando-se de Félix.

6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

_____. **Ressurreição**. São Paulo: Ática, 1995.

BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Ateliê Editorial, 2002.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo Companhia das Letras, 2003.

DIMAS, Antônio. Natureza1 x Destino 0. In: **Ressurreição**. São Paulo: Ática, 1995.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PIRES, A. M. G. D. ; OLIVEIRA R. P. M. de. **Machado de Assis: a realidade e o Realismo**. **CES Revista**, Juiz de Fora v. 24, n. 1, 2010, p 221-236.

RIBEIRO, Luiz Filipe. **Mulheres de Papel**: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Editora34, 2012.